

## João Doria, pesadelo e êxtase dos tucanos

### O almofadinha antes esnobado pelos mais bicudos agora é aclamado nos salões da tucanagem

EUGÊNIO BUCCI

13/04/2017 - 15h43 - Atualizado 13/04/2017 15h43



Na noite em que foi proclamada a eleição de **João Doria** no primeiro turno para a prefeitura de São Paulo, no ano passado, três nomes históricos do PSDB paulista tiveram o mesmo pesadelo. Nenhum sabe que os outros dois sonharam o mesmo sonho. Nenhum contou nada disso a ninguém, nem aos psicanalistas do bairro paulistano de Higienópolis. Jamais contarão. Acima de tudo, nenhum dos três esquecerá o vaticínio que lhes foi revelado naquela madrugada.

Embora não saibam que tiveram o mesmo pesadelo, os três estão juntos durante aqueles segundos desesperadores. Estão num grande salão, talvez uma quadra coberta de escola, certamente em Higienópolis. As luzes acesas, de luz amarela e quente, sugerem que anoiteceu lá fora. Mesas de metal cinza com o tampo de fórmica verde ocupam cada metro quadrado. São centenas, milhares, milhões. Sobre elas, caixas de papelão e pilhas de papel com gente em volta. As pessoas debruçadas em torno dos tampos verdes fumam sem parar. Têm as cabeças baixas e não se desligam daqueles pedaços de papéis, que passam de mão em mão. Parece um estranho jogo de baralho, mas aquelas pessoas estão contando cédulas.

Os três, de camisa social, mangas arregaçadas até o cotovelo, sentem medo de sufocar sob a iminente avalanche de cédulas. É incomensurável a montanha que se ergue da mesinha em que tentam se agarrar. O chão sumiu. Um abismo escuro se abre sob seus pés. Um copo de uísque despencou. As pedras de gelo se soltam no ar e, por uma fração de segundo, reluzem como estrelas. A qualquer momento aqueles votos todos vão desabar e carregá-los para o abismo sem fim.

Então, um zoom repentino mostra uma cédula em close (tucanos sonham em CinemaScope). É um voto em Jânio Quadros. O horror atinge o ápice. O candidato das trevas vai derrotar o iluminado favorito do PSDB nas eleições municipais de São Paulo.

Nisso, um anjo rasga o telhado da quadra coberta. Tem camiseta amarela e asas vermelhas, flamejantes, cabeleira blackpower tingida de azul-claro, a face suarenta (trata-se de um anjo aflito) e os olhos sem brilho, sem cor, sem globos oculares. As cédulas começam a voar em um ciclone apocalíptico. O anjo abre uma bocarra como a cratera de um vulcão e sentencia: – Em seu partido, cuidado com aquilo que você tolera de pior, pois a esse pior, um dia, alguém terá de pedir que tolere você.

### >> Mais colunas de Eugênio Bucci

Eram 4h15 da madrugada no bairro de Higienópolis, e os três tucanos estatelaram os olhos num susto. Despertos, ficaram olhando o vazio. Um bateu o interruptor do abajur no criado-mudo, mas desistiu de acendê-lo. Seria inútil. Outro ficou de cara para o teto, como um cadáver. O terceiro achou melhor ir beber água gelada na cozinha. Entenderam tudo. O pesadelo evocava o trauma de 1985, quando Jânio Quadros derrotou Fernando Henrique Cardoso na eleição para a prefeitura de São Paulo, mas o anjo se referia a João Doria, o novo prefeito eleito da mesma cidade.

Os três tucanos tinham sido contrários à candidatura do estreante Doria. Tinham amaldiçoado as pretensões eleitorais do empresário que dizia não ser político. Declararam que ele não era digno de representar a tradição do PSDB, que era o que havia de pior, que não o apoiariam de jeito nenhum. No jargão tucano, disseram cobras e lagartos contra o janota que debutava nas urnas.

Os três perderam. João Doria saiu da contabilidade da revista *Caviar Lifestyle* e se aninhou nos braços da massa, para delírio do povo e frêmito dos grã-finos. Agora, enquanto o trio ainda se sente prisioneiro do sonho ruim, o prefeito surfa como estrela nacional, o único “anti-Lula” viável. Parece não haver outra figura capaz de empolgar de uma vez só os eleitores ricos e pobres que procuram uma mensagem na qual não tenham vergonha de acreditar. O almofadinha antes esnobado pelos mais bicudos é agora aclamado nos salões elegantes pela tucanagem em êxtase. Sem ele, o PSDB morre de pavor de ser tragado pelo buraco negro de um pesadelo fatídico.

O êxtase maior é o do próprio Doria. Em retribuição a Geraldo Alckmin, o tucano em desalinho que ousou apadrinhá-lo em 2016, terá de dizer mil vezes que não é candidato à Presidência em 2018. Mas tanto ele quanto Alckmin sabem que essa decisão não depende mais deles dois.

Evidentemente, Geraldo Alckmin não é um dos três que tiveram o pesadelo de 2016. Eu sei quem são os três. Não que algum deles tenha me confidenciado. Quem me contou tudo foi o anjo de camisa amarela e asas flamejantes. Para Alckmin, o anjo diz que está reservado um pesadelo pior. Que ainda está longe de começar.